

GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS: REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

Antonia Dilamar Araújo¹

Resumo

Partindo do pressuposto que os gêneros textuais são formas socialmente consagradas de organizar e controlar as atividades comunicativas e que é crescente o número de estudos que visam a caracterização de gêneros textuais acadêmicos, este trabalho traça um panorama das diferentes metodologias utilizadas na investigação de gêneros. O trabalho tem também o objetivo de refletir sobre os métodos de análise de gêneros propostos por Bhatia (1993) e Swales (2001), bem como avaliar as dificuldades que a pesquisadora sentiu ao analisar o corpus selecionado do gênero tese de doutorado escrita em língua portuguesa e inglesa.

Palavras-chave: texto acadêmico - gêneros textuais - metodologias de investigação.

Abstract

Based on the notion that textual genres are considered social forms of organizing and controlling communicative activities and that an increasing number of studies that aims at characterizing academic textual genres is visible, this paper offers an overview of different methodologies used in the investigation of genres. The paper also has the objective to reflect on the methods of analysis of genres postulated by Bhatia (1993) and Swales (2001), as well to evaluate the difficulties the researcher had when analyzed the selected corpus of the genre doctoral thesis written in English and Portuguese.

Key words: academic text – textual genres – methodologies of investigation.

INTRODUÇÃO

É senso comum que os estudos em análise de gêneros desenvolvidos nos últimos anos têm mostrado uma

crescente preocupação com a análise de estrutura textual e descrição de estruturas genéricas dos mais diversos textos e, como consequência, um número significativo de artigos e livros tem sido publicado no Brasil e no mundo, incluindo nesse contexto, a realização de um Simpósio Nacional de Estudos de Gêneros – SIGET, em sua segunda edição em 2004, como espaço para se discutir e divulgar resultados de pesquisas na área. Como nota Candlin (1993, apud Bhatia, 1997), o interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações quer seja na pesquisa quer seja no ensino não se restringe só a um grupo específico de pesquisadores (lingüistas), mas também a outros estudiosos como tradutores, críticos literários, analistas do discurso, professores de línguas, profissionais da comunicação, dentre outros, devido à relevância que a área tem assumido.

Considerando que gêneros textuais são formas socialmente consagradas de organizar e controlar as atividades comunicativas e que a análise de gêneros é o estudo do comportamento lingüístico situado em contextos acadêmicos ou profissionais (Bhatia, 1997:629), a grande maioria dos estudos realizados tem revelado a natureza da estruturação genérica dos textos, por meio da descrição e explanação do uso da língua. Ao tentar responder o questionamento do por quê membros de uma comunidade discursiva usam a língua de uma determinada maneira, analistas do discurso tem tentado esclarecer não apenas os propósitos comunicativos da comunidade discursiva em foco, mas também as estratégias cognitivas empregadas por seus membros para atingir esses propósitos, considerando os fatores sócio-culturais e cognitivos. Ao responder a essa questão, vários estudiosos (Swales, 1990; Askehave & Swales, 2001; Bhatia, 1993; Halliday & Hasan, 1989) têm oferecido modelos teóricos de análise de gêneros que servem de base na descrição de gêneros. Porém, com o crescimento dos estudos sobre gêneros vários questionamentos têm surgido e um deles tem me preocupado como pesquisadora e orientadora de trabalhos acadêmicos em um programa de pós-graduação: a de-

¹ Professora Titular de Lingüística Aplicada e Língua Inglesa do Curso de Letras-Ingês e do Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

finição de procedimentos de análise para gêneros textuais coerentes com o enfoque e a perspectiva teórica adotada nos estudos, especialmente para quem está se iniciando na atividade de pesquisa.

Neste artigo, portanto, pretendo analisar os modelos de investigação de gêneros propostos por Bhatia (1993) e Askehave & Swales (2001), mapear as tendências das pesquisas sobre gêneros no Brasil e discutir o enfoque utilizado no estudo do gênero tese de doutorado escrita em línguas portuguesa e inglesa, refletindo sobre as dificuldades levantadas na análise do corpus coletado.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Bhatia (1997b), em seu artigo intitulado *Análise de gêneros hoje*, reconhece que há uma base comum com relação à teoria de gêneros, apesar das diversas orientações apresentadas por estudiosos como Miller (1984), Berkenkotter e Huckin (1995), Martin (1993), Swales (1990) e Bhatia (1993), como também discute os traços mais importantes que caracterizam essas abordagens, quais sejam gêneros como *conhecimento convencional*, *versatilidade na descrição de gêneros* e *tendência para a inovação*. Falarei brevemente sobre estes aspectos já tão enfatizados na literatura sobre gêneros.

O primeiro aspecto diz respeito à visão de que gêneros são definidos em termos de uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados, que estabelecem formas estruturadas relativamente estáveis (Bakhtin, 1986) e que impõem, até certo ponto, restrições de uso de recursos léxico-gramaticais. Esta visão está atrelada a três aspectos que são reconhecidos pelos estudiosos de gêneros: 1) *recorrência de situações retóricas*, que são identificadas pela caracterização de aspectos relevantes do contexto sócio-retórico em que um dado gênero acontece e por meio dos propósitos comunicativos compartilhados por participantes de uma comunidade discursiva particular; 2) *propósitos comunicativos compartilhados* são o segundo traço específico de descrição de gêneros tanto em termos de recorrência, compartilhamento ou regularidades na elaboração de gêneros e 3) *regularidades de organização estrutural*.

O segundo aspecto diz respeito à versatilidade genérica e pode ser observada em vários níveis, especialmente, na descrição lingüística de gêneros, que vai desde a visão mais geral dos usos da língua (convenções genéricas) até sua realização mais específica. A versatilidade se estende ao conceito de propósito comunicativo, que por um lado pode ser identificado em um nível mais alto de generalização e por outro lado, limitado a um nível bem específico. Da mesma forma, tanto pode haver um único propósito comunicativo, como um bem detalhado conjunto de propósitos comunicativos.

Embora gênero seja visto como um evento textual retoricamente situado e institucionalizado, há autores que defendem que os gêneros, por ter uma natureza dinâmica, tendem à inovação e à mudança explorada por membros experientes da comunidade discursiva para responder a contextos retóricos familiares, especialmente, pelo uso de recursos de multimídia, da tecnologia informacional e de contextos multidisciplinares no mundo de trabalho. As inovações têm levado as pessoas a rever convenções já estabelecidas e a manipular e responder a novos contextos retóricos *para expressar intenções particulares dentro da estrutura dos propósitos comunicativos socialmente reconhecidos* (Bhatia, 1993).

Esses três aspectos mencionados têm levado estudiosos a investigar e caracterizar usos da língua como forma de responder a situações retóricas recorrentes, ou seja, tentar entender porque membros de uma comunidade discursiva usam a língua da maneira como eles fazem. Para tanto, esses estudiosos utilizam-se de uma metodologia ou procedimentos de análise para os estudos dos diferentes gêneros. Uma metodologia predominante é aquela em que pesquisadores investigam os gêneros através da caracterização e explicação dos usos da língua, a partir do produto, isto é, da coleta de um número representativo de exemplares do gênero em foco para identificação de traços regulares e prototípicos e do propósito comunicativo. A necessidade de caracterizar gêneros nunca explorados tem motivado estudiosos a pesquisar um grande número de gêneros, no sentido não só de se entender a construção desse gênero seja no campo profissional, seja acadêmico, mas também para facilitar o seu ensino na sala de aula ou o seu uso no ambiente profissional.

Nesse tipo de metodologia, pode-se situar o modelo proposto por Bhatia (1993), que ao discutir a definição de gênero proposta por Swales (1990) mostra que a perspectiva de Swales só leva em consideração aspectos lingüísticos e sociológicos, deixando de lado uma orientação psicológica que enfatiza o conceito de gênero como um processo social dinâmico. Neste tipo de orientação, o pesquisador tende a prestar atenção a aspectos táticos na construção do gênero e as escolhas estratégicas feita pelo produtor do gênero a fim de realizar suas intenções. Bhatia (1993:21) reforça que o propósito comunicativo é refletido na estrutura cognitiva do gênero que, de uma certa forma, representa as regularidades de organização e que estas regularidades devem ser vistas como cognitivas pela sua natureza, porque elas refletem as estratégias que membros de um discurso particular ou comunidade profissional ou acadêmica usam na construção e entendimento do gênero para realizar propósitos comunicativos específicos.

Para mostrar a conexão entre o propósito comunicativo de um gênero particular e sua estrutura cognitiva típica, Bhatia (1993) sugere um modelo de investigação composto de sete passos que pode ser aplicado a qualquer gênero, mas

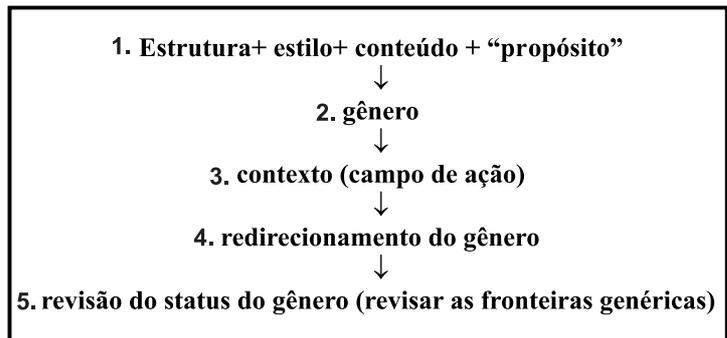
que sua adoção dependerá do propósito da análise, do aspecto do gênero a ser estudado e do *background knowledge* que o investigador possui sobre o gênero em questão. Os sete passos são o seguinte:

1. analisar intuitivamente o gênero textual em um contexto situacional (ao examinar a experiência prévia do escritor da área e das convenções comunicativas associadas ao gênero, as pistas internas do texto e o conhecimento enciclopédico de mundo que alguém possui);
2. pesquisar a literatura existente sobre o gênero (literatura sobre análise lingüística do gênero ou de alguma variedade ou gêneros similares, métodos ou teorias de análise do discurso ou de gênero);
3. refinar a análise situacional /contextual (definir o falante ou escritor do texto, a audiência, seu relacionamento e suas metas; aspectos históricos, filosóficos, sócio-culturais da comunidade; identificar o tópico, assunto, realidade extra-textual que o texto representa e o relacionamento do texto com a realidade);
4. selecionar o corpus a ser analisado (implica em definir o gênero ou sub-gênero em termos de propósito comunicativo e contexto situacional no qual ele é usado e características textuais e tamanho da amostra);
5. estudar o contexto institucional (implica em analisar o sistema e/ ou metodologia no qual o gênero é usado e as regras de convenções que governam o uso do gênero em uma organização particular que frequentemente impõe limites organizacionais e pré-requisitos para a elaboração do gênero);
6. decidir os níveis de análise lingüística (o analista decide estudar os traços lingüísticos significantes e predominante em um dado gênero e pode concentrar-se em um ou mais dos seguintes níveis: traços léxico-gramaticais, textualização e interpretação estrutural do gênero textual). A análise tanto pode ser quantitativa quanto qualitativa ou ambas.
7. checar a análise com um especialista em análise de gênero (por ser um membro que tem expertise e competência na cultura disciplinar na prática do gênero em foco, este poderá confirmar as descobertas e validará as análises). No entanto, um dos problemas é encontrar o especialista disponível, preparado e co-operativo para realizar esta tarefa.

No entanto, Bhatia (1993) deixa claro que os procedimentos descritos neste modelo, embora sejam holísticos, são flexíveis, isto é, cada passo é entendido no contexto do todo, eles podem ser separados ou adotados em uma ordem diferente, dependendo do grau de conhecimento sobre o gênero que o investigador traz para a tarefa de análise em particular.

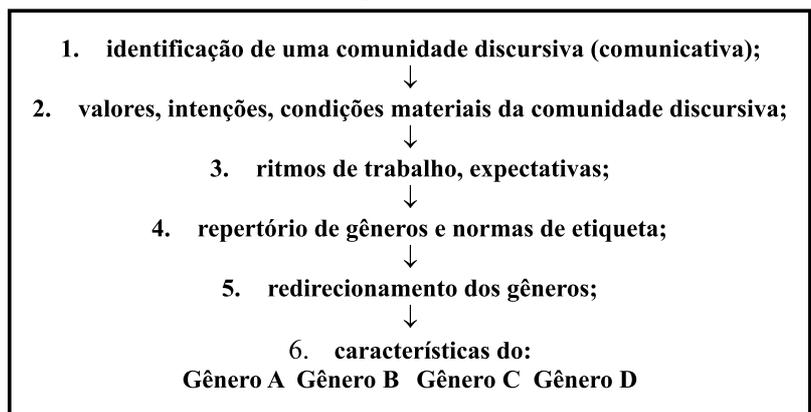
Askehave & Swales (2001), ao revisitar o conceito de propósito comunicativo como um critério principal e importante na identificação de um gênero, discutem dois tipos de procedimentos de análise: o primeiro direcionado pelo texto para a análise genérica (Quadro 1) que envolve cinco níveis a saber:

Quadro 1 - Procedimento de análise de gênero com base na caracterização do texto (Askehave & Swales (2001).



Em movimento oposto ao modelo de análise estrutural, os autores apresentam um método alternativo de análise de gêneros com base em contexto etnográfico, que consiste de seis passos, como pode ser visto no Quadro 2:

Quadro 2 - Procedimento de análise de gênero pelo contexto (Askehave & Swales, 2001: 209, traduzido por esta autora).



Nesse modelo, os autores enfatizam que o passo 5, redirecionamento, estimula os analistas a realizar estudos sócio-retóricos que tendem a focalizar no avanço tecnológico para mostrar resultados atuais de como a tecnologia afeta o modo como os exemplares de gênero são percebidos e se situam ao seu meio de transmissão como: telex, fax, telefone, e-mail, vídeo-conferência, jornal on-line, dentre outros.

Askhave e Swales (2001) observam que o modelo permite a categorização de gêneros, tópico de interesse na área de lingüística aplicada, enquanto que Candlin (2000) afirma que a pesquisa metodológica de gêneros que envolvem descrição, interpretação e explicação continua sendo bastante utilizada e típica de muitos estudos de gêneros, com base na análise de um texto-base. Essa visão é compartilhada por Fairclough (2003), um dos representantes da corrente teórica de análise crítica do discurso, para quem o estudo do funcionamento da linguagem em processos ideológicos se realiza em três dimensões e que reconhece que para se analisar diferentes tipos de textos, a abordagem mais adequada seria realizar análise textual dentro de uma perspectiva etnográfica para perceber como as relações de poder trabalham nas redes de práticas discursiva e social. Para o autor, a descrição e análise dos textos deveriam ser vistas como um processo aberto que pode ser estimulado através do diálogo entre áreas de conhecimento e teorias. A contribuição de Fairclough (1992) para a análise do discurso como um método de estudo crítico pode ser ilustrado nas três dimensões proposta por ele como se apresenta no Quadro 3 (Fairclough, 1992:116):

Quadro 3 – Dimensões de análises propostas por Fairclough (1992).

- | |
|---|
| <p>1. Textual (análise do léxico, gramática, organização e articulação do texto);</p> <p>2. Prática discursiva (produção, distribuição, consumo e algumas categorias textuais como a coerência e intertextualidade);</p> <p>3. Prática social (relações de ideologia e poder).</p> |
|---|

Fairclough apoiado na teoria sistêmica da linguagem de Halliday (1985), que considera a linguagem como multifuncional e que *os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades*, observa que essas três dimensões do discurso estão colocadas em um quadro tridimensional, não havendo, portanto, hierarquia entre elas. O autor considera os gêneros como uma maneira de agir e interagir lingüisticamente e estruturam os textos de maneiras específicas. Nessa acepção, os gêneros não podem ser analisados isolados de sua dimensão social, sem mostrar como eles são moldados pelas relações de poder e ideologia.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados analisados para este estudo foram coletados em nove periódicos nacionais publicados por programas de pós-graduação de lingüística e lingüística aplicada do Brasil e em três anais de congressos promovidos por associações lingüísticas e publicados em papel impresso e em CD-Roms

(ANPOLL, ABRALIN, CBLA, GELNE e ENPULI), onze livros de análise do discurso e gêneros textuais, além de 56 dissertações e teses defendidas em sete programas de pós-graduação em lingüística aplicada ou estudos da linguagem (PUC/SP, UFSC, UFPE, UFC, UFRN, UFRJ, UNICAMP). A análise qualiquantitativa desse material baseou-se nos aspectos do foco de investigação e na perspectiva teórico-metodológica adotada nos estudos analisados. Não sendo possível ter acesso a todas as pesquisas de análise de gêneros realizadas no Brasil, os dados aqui mostrados representam apenas uma amostra do que se está analisando em termos de gênero discursivos/textuais.

Para fins de esclarecimentos, quando mencionamos *teoria* ou *perspectiva teórica*, estamos nos referindo a *uma construção conceptual e metalingüística, a um corpo de conceitos fundamentais*, enquanto que *metodologia* é *uma sequência de operações que visam a obter um resultado adequado às exigências da teoria* (Fiorin, 2002:39).

RESULTADOS

Ao fazer um levantamento em periódicos publicados por programas de pós-graduação na área de Letras, Lingüística e Estudos da Linguagem e Anais de congressos realizados por associações lingüísticas no Brasil e livros publicados na área, podemos perceber que com o advento das teorias funcionais da lingua-

gem, que enfatizam o estudo do texto em vez de frases isoladas, o número de estudos sobre gêneros discursivos/textuais está crescendo especialmente desde o início da década de 90 até os dias atuais. A Tabela 1 mostra a distribuição quantitativa da publicação de artigos de pesquisas na área de gêneros por periódico:

Tabela 1 – Quantidade de artigos publicados por fonte.

FONTE DE PUBLICAÇÃO	PERÍODO	QUANT. ARTIGOS
Trabalhos em L. Aplicada	1988-2003	08
INTERCÂMBIO	1990-2003	14
DELTA	1986-2002	10
THE ESPECIALIST	1982-2002	19
Linguagem & Ensino	1998-2003	02
Ilha do Desterro	1979-2002	07
Estudos Anglo- Americanos	1977-2002	02
Boletim da ABRALIN	1999-2001	19
Revista do GELNE	1999-2003	30
Anais do ENPULI	1999-2001	10
Livros coletânea (11)	1999-2003	65
TOTAL		185

Das 56 dissertações e teses analisadas e defendidas nos programas de pós-graduação em lingüística no

Brasil verificou-se que o maior número de estudos sobre gêneros estão nos programas da PUC/SP (27) e na UFSC (11).

Ao se analisar a perspectiva teórica adotada no conjunto de trabalhos analisados, constatou-se que a grande maioria de trabalhos baseia-se na teoria sócio-retórica de gêneros baseada em Swales (1990) e seguidores (20.7%) e na teoria sócio-interacional de Bakhtin (1992 [1953]), Bronckart (1999) e Dolz e Schneuwly (36.9%) ou ainda na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem baseada em Halliday e Hasan (1989) (6.22%), seguidos de estudos em pequena escala com base na análise crítica do discurso (Fairclough 1992, Kress, 1985) (5.39%) e na linha francesa (Pêcheux, Adam, Charadeau). Como uma grande parte dos estudos tenta descrever não somente a estrutura esquemática do gênero, mas também aspectos lexicais que o caracterizam, percebeu-se combinações de perspectivas teóricas como Swales e Halliday & Hasan, Bakhtin & Swales, ou ainda Swales e Hoey, dentre outros, com mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos trabalhos por perspectiva teórica.

PERSPECTIVA TEÓRICA ADOTADA	QUANTIDADE	%
Sócio-retórica (Swales, Bhatia)	50	20.7
Sóciointeracionista (Bakhtin, Bronckart, Dolz & Schneuwly)	89	36.9
Sistêmico-funcional (Halliday & Hasan, Martín)	15	6.22
Análise crítica do discurso (Fairclough, Kress)	13	5.39
Linha francesa (Adam, Maingeneau, Charadeau, Pêcheux)	16	6.63
Combinações de perspectivas	58	24.0
TOTAL	241	99.8

Quanto ao foco de investigação dos trabalhos e pesquisas baseados em gêneros textuais e/ou discursivos, percebeu-se que a grande concentração é ainda a descrição de gêneros, especialmente a caracterização da estrutura esquemática/ retórica, quer seja em gêneros escolares, acadêmicos ou institucionais pouco estudados, motivados pela necessidade de compreender as práticas discursivas e as relações sociais associadas ao uso dos diferentes gêneros (Meurer, 2000, 149) e pelo fato de que muitos gêneros que circulam e são usados nos diversos contextos das atividades humanas não foram ainda descritos e analisados. Dessa forma, a tendência de foco das pesquisas em lingüística aplicada continua sendo a descrição de gêneros textuais como forma de responder às inquietações dos pesquisadores de como os usos da linguagem se realizam nas diferentes situações de interação entre os participantes de uma determinada comunidade/

sociedade. Os estudos de gêneros têm sido alvo de preocupação também por parte de professores interessados em aplicar os conhecimentos advindos das teorias de gêneros discursivos/textuais na sala de aula tanto de língua materna quanto de língua estrangeira. Assim estudos recentes nessa área já focalizam gêneros em materiais didáticos ou fazem propostas de como ensinar gêneros na sala de aula, ou ainda investigam como os gêneros são ensinados em sala de aula. A Tabela 3 mostra os percentuais de tendência do foco de investigação:

Tabela 3 – Foco de investigação dos trabalhos baseados em gêneros.

FOCO DE INVESTIGAÇÃO	QUANTIDADE	%
Teórico-reflexivo	44	18.2
Descrição de gêneros (macroanálise/microanálise)	162	67.2
Aplicação pedagógica	18	7.46
Aspectos léxico-gramaticais	17	7.05
TOTAL	241	99.9

No que diz respeito aos procedimentos de análise de gêneros, embora haja diferentes propostas teórico-metodológicas para gênero bastante familiares para os analistas brasileiros (sócio-retórica, sistêmico-funcional, sócio-interacionista, análise crítica do discurso), constatei que a maioria dos trabalhos analisados revela que os gêneros estudados são descritos de forma quase intuitiva guiados pela perspectiva teórica e tentam buscar uma metodologia específica para análise de gênero, constituindo assim em mais uma dificuldade nessa área, dentre outras como a definição de gênero de maneira mais precisa, como mostra a Tabela 4 abaixo.

Tabela 4 – Procedimentos de análise.

TIPO	QUANTIDADE	%
Descritivo	236	97.2
Etnográfico	05	2.76
TOTAL	241	99.9

Embora Bhatia (1993) tenha se preocupado com essa questão e tenha proposto um modelo de análise da estrutura cognitiva, considerado por ele como flexível, percebe-se que os analistas sentem dificuldade de implementar tais passos em suas pesquisas. As consequências podem ser percebidas na publicação de trabalhos com um foco na descrição de diferentes gêneros, cujos procedimentos de análise baseiam-se na descrição e interpretação de práticas discursivas ou da materialidade dos textos, nas dimensões de micro e macro-análises, ancorados em uma base quantitativa, a partir do tratamento estatís-

tico dos dados e, em alguns casos, estatístico-computacional, com o uso da Linguística de Corpus. Esse procedimento é, segundo Askehave & Swales (2001), direcionado pelo texto para a análise genérica.

Poucos são os estudos desenvolvidos com foco etnográfico no Brasil, em que o analista é desafiado a dar conta dos processos e práticas discursivas de diferentes tipos de textos, isto é, em analisar como as pessoas interagem através da linguagem em uma comunidade discursiva, partindo da observação do contexto. Nessa perspectiva, é que Askehave e Swales (2001) propõem como procedimento alternativo e considerado menos complicado começar-se com a identificação de uma comunidade discursiva, para a partir dela, estudar os valores, intenções e condições materiais da comunidade discursiva, as expectativas, o repertório de gêneros praticados, o redirecionamento dos gêneros, para só então caracterizar os gêneros que circulam em uma determinada comunidade.

Desse modo, as dificuldades encontradas por pesquisadores de gêneros são grandes, o que leva, às vezes, a incompletude das descrições. Como um exemplo ilustrativo, cito a pesquisa realizada por esta pesquisadora sobre o gênero tese de doutorado (10 exemplares) na área de análise do discurso em língua inglesa e portuguesa e nas dimensões de micro e macro análise, adotando a perspectiva teórica de gêneros de Swales (1990), que embora trazendo uma contribuição para a área, os pesquisadores sentiram dificuldades em validar as análises feitas. Como o estudo era comparativo e tinha o objetivo de levantar ou caracterizar estratégias discursivas na elaboração do gênero em foco em duas culturas, sentimos necessidade de entrevistar os autores dos textos para se entender o porque do uso das estratégias da forma como foram usadas. No entanto, esse procedimento não pode ser realizado ao final da pesquisa, por não se ter tido condições de fazer contacto pessoal ou por correio eletrônico os produtores dos textos. Outra dificuldade sentida diz respeito à falta de interação entre pesquisadores ou especialistas, isto é, checar junto a um especialista em análise de gênero que possui competência na cultura disciplinar na prática do gênero em foco para confirmar as descobertas e validar as análises.

Parece evidente que as dificuldades de se realizar estudos etnográficos talvez motivem os pesquisadores para a pesquisa de análise genérica a partir de um corpus de exemplares de texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, embora limitado na amostra dos dados, tentou mostrar os percursos teóricos e metodológicos na análise de gêneros textuais de pesquisadores brasileiros. As reflexões sobre os procedimentos de análise de gêneros textuais tecidas nesse trabalho mostram que o pesquisador

apesar de dispor de diferentes orientações metodológicas na descrição e interpretação de gêneros (com base no texto ou no contexto), as descrições genéricas e o uso do gênero ainda são feitas com base na intuição e auto-descoberta do pesquisador.

Ficou evidenciada nesse estudo que a tendência analítica atual ainda é a descrição e interpretação das práticas discursivas de gêneros, talvez pela necessidade de se entender como os gêneros realizam o funcionamento da linguagem e de como essas caracterizações podem ajudar o professor no ensino de gêneros na sala de aula de língua inglesa e de língua materna. O estabelecimento de procedimentos metodológicos para análise de gêneros deve ser a preocupação dos estudiosos para dar origem a novos modelos de investigação, a exemplo dos apresentados por Bhatia (1993) e Askehave & Swales (2001), que sejam coerentes com as diversas correntes teóricas e que facilite a análise de novos gêneros por parte dos pesquisadores, ao descrevê-los e explicá-los de forma adequada e satisfatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASKEHAVE, Inger & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, Oxford University Press, Vol 22/2: 195-212, 2001.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- BHATIA, Vijay K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.
- BHATIA, V. K. Introduction: genre analysis and world Englishes. *World Englishes*, 16: 313-19, 1997a.
- BHATIA, Vijay K. Genre Analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, Bruxelles, 75: 629-652, 1997b.
- BERKENKOTTER, C. & HUCKIN, T. N. *Genre knowledge in disciplinary communication: cognition/culture/power*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.
- CANDLIN, C. N. General editor's preface. *Disciplinary discourses: social interactions in academic writing*.
- HYLAND, K. Harlow: Longman, 2000, xv-xxi.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourses and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. *Methods of Critical Discourse Analysis – Introducing qualitative methods*. In: WODAK, Ruth & MEYER, Michael (eds.) London: Sage Publications, 2002, 121-138.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse – textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FIORIN, J.L. Teoria e metodologia nos estudos discursivos de tradição francesa. *Análise do discurso – percursos teóri-*

cos e metodológicos. SILVA, D. E. G. da e VIEIRA, J. A. (orgs.) Brasília: Ed. Plano, 2002, 39-74.

HALLIDAY, M. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. & HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: OUP, 1989.

KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Geelong, Victoria: Deakin University Press, 1985.

MARTIN, J. R. *English text: system and structure*. John Benjamins: Amsterdam. 1992.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. *Aspectos de lingüística aplicada*. Fortkamp, M. B. & Tomitch, L. M. B. (orgs.) Florianópolis: Ed. Insular, 2000, 149-166.

SWALES, John M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.1990.